Quinta-Feira, 26 de Novembro de 2026

Resistências sutis

A gaveta emperrou logo cedo.

Puxei com cuidado.

Ela resistiu.

Tentei de novo, um pouco mais forte, e só então cedeu.

Nada estava fora do lugar.

Talheres alinhados, panos dobrados, tudo como sempre.

Fiquei alguns segundos parado, olhando para aquele pequeno esforço desnecessário.

Há coisas que funcionam a vida inteira e, sem aviso, começam a pedir mais paciência.

Recentemente fui obrigado a trocar o armário do banheiro.

O trabalho foi tão bem-feito que agora não preciso fazer esforço algum para abrir ou fechar as gavetas.

O antigo exigia força, quase um tranco.

Passei a observar em mim o mesmo processo. Tenho aprendido a ter paciência para caminhar, mesmo dentro de casa.

De andarilho pelas calçadas da cidade, passei a contar passos curtos entre um cômodo e outro.

O pior é que eles doem e exigem, quase sempre, um braço amigo.

A velhice precisa ser compreendida.

Sem essa compreensão, ela facilmente se transforma em doença.

No meu caso, não chegou de repente.

Veio insidiosa, pedindo pequenos esforços quase imperceptíveis.

O acúmulo deles me obrigou a fazer movimentos antes desnecessários, levando-me a me reinventar para continuar.

Se a parte intelectual segue invejável, não posso dizer o mesmo de outras áreas do meu organismo.

Algumas gavetas do meu corpo já não funcionam nem com esforço ou tranco.

E não conheço técnico habilitado para esse tipo de conserto.

São órgãos que ficaram enferrujados com o tempo.

Resta, então, muita paciência para esse finzinho de vida.

Procuro compensar o desgaste das dobradiças do meu organismo me apegando aos filhos, netos e bisnetos.

Quando estou agarrado a eles — especialmente aos bisnetos — o tempo deixa de ter pressa. Ouço com calma, sorrio sem economia e esqueço as pequenas limitações.

Assim, deixo de perder paciência com esforços que um dia foram desnecessários e passo a valorizar aquilo que ainda abre fácil: o afeto.

Gabriel Novis Neves é médico, ex-reitor da UFMT e ex-secretário de Estado